

MEXEU COM UMA MEXEU COM TODAS

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Tenho escrito com frequência sobre “Femicídio” (*Revista Forense*, v. 377 – jan/fev 2005 – pp. 447/450) e “Desigualdades subsistentes em prejuízo da mulher” (*Revista Brasileira de Direito Comparado*, v. 37, pp. 111/128; *ePública – Revista Eletrônica de Direito Público*, Lisboa : n. 2. Junho/2014). Remeti centenas de dossiês intitulados “Barbárie contra a Mulher, contra todos nós”, com diversos textos, alguns de outras origens, em 2014.

Quando li nos jornais a notícia de grave assédio sexual cometido por ator da TV, recentemente, logo pensei que a vítima, figurinista da Rede Globo, por sua coragem, sairia na capa da revista *Veja*. Não me enganei, pois o número da revista de 12/4/17 trazia a foto da figurinista, mas na companhia de mais treze mulheres, com texto bem amplo (pp. 74/81).

A gravidade da verdadeira agressão à mulher varia, conforme se trate ou não de poderoso agressor. Os casos relatados abrangem de avanços cometidos por torcedores de jogadora de basquete ou fãs de cantora, até os do ator de prestígio na TV Globo ou de membros de organizações semelhantes. Claro que a gravidade destas hipóteses se mostra mais evidente, pelo abuso do poder pelo autor da ofensa.

Tenho escrito, como consta acima, a respeito das desigualdades subsistentes em prejuízo da mulher. A particular gravidade do assédio sexual desta não afasta o escândalo de que trata, no cinema, principalmente, o filme premiado *Spotlight*, revelador de tantos abusos cometidos pelo clero católico, principalmente, contra jovens e até crianças de ambos os sexos, no ambiente das igrejas e outras instituições ligadas a estas.

Especial atenção dediquei ao gravíssimo problema da mutilação genital da mulher, em países africanos e asiáticos. Remeti centenas de dossiês intitulados “Barbárie contra a mulher, contra todos nós” (São Paulo – 17/2/2014). Começava relatando ao eminente colega Gilberto Kujawski e à jornalista Laura Greenhalgh, autora do artigo “Barbárie ou civilização: cabe decidir” (*Estadão*, 15/2/14) a campanha que comecei em 1994, escrevendo o artigo “Com risco de mutilação”, divulgado pelo CPPG, em 1994, com base no texto da *Revista TIME*, de 21/3/94, pp. 34/35, sob o título “At risk of mutilation”. Depois eu escreveria “Mutilação da mulher, crime sem fronteiras (*Revista Forense*, v. 370) e, mais recentemente, “Desigualdades persistentes em prejuízo da mulher” (*Revista Brasileira de Direito Comparado*, v. 37, pp 111/126). O dossiê incluía cópia do texto citado da *TIME*, do artigo citado de Laura Greenhalgh, dos meus textos da *Revista Forense* e da *Revista Brasileira de Direito Comparado*.

Raros destinatários respondiam dizendo que ignoravam totalmente a prática de tal violência contra a mulher e solicitavam sugestão. Eu me limitava a recomendar a divulgação mais ampla possível do assunto.

Coincidências: notícias de aprovação de leis em países onde se praticava a mutilação genital da mulher e, enfim, de que a ONU, por expressiva votação dos países nela representados aprovava o dia 6 de fevereiro como o DIA INTERNACIONAL DA TOLERÂNCIA ZERO DA MUTILAÇÃO GENITAL DA MULHER.

O Dr. Valdir Reginato, médico de família, professor da Escola Paulista de Medicina e terapeuta familiar publicou artigo com o texto “Mexeu com uma, mexeu com todas” no jornal O São Paulo, de 19 a 25/4/17. Em destaque editorial acha-se o trecho seguinte: “Infelizmente, ao mesmo tempo em que assistimos a cada dia mais manifestações da covardia masculina gerando violência contra as mulheres, muitos parecem não querer perceber que há um nítido relacionamento desses episódios com a deformação da educação na infância”.

Voltando à capa e ao texto da revista VEJA, há foto de dezenas de mulheres usando a camiseta MEXEU COM UMA MEXEU COM TODAS.

Isso mesmo, concordo com a revista: CHEGA DE ASSÉDIO.